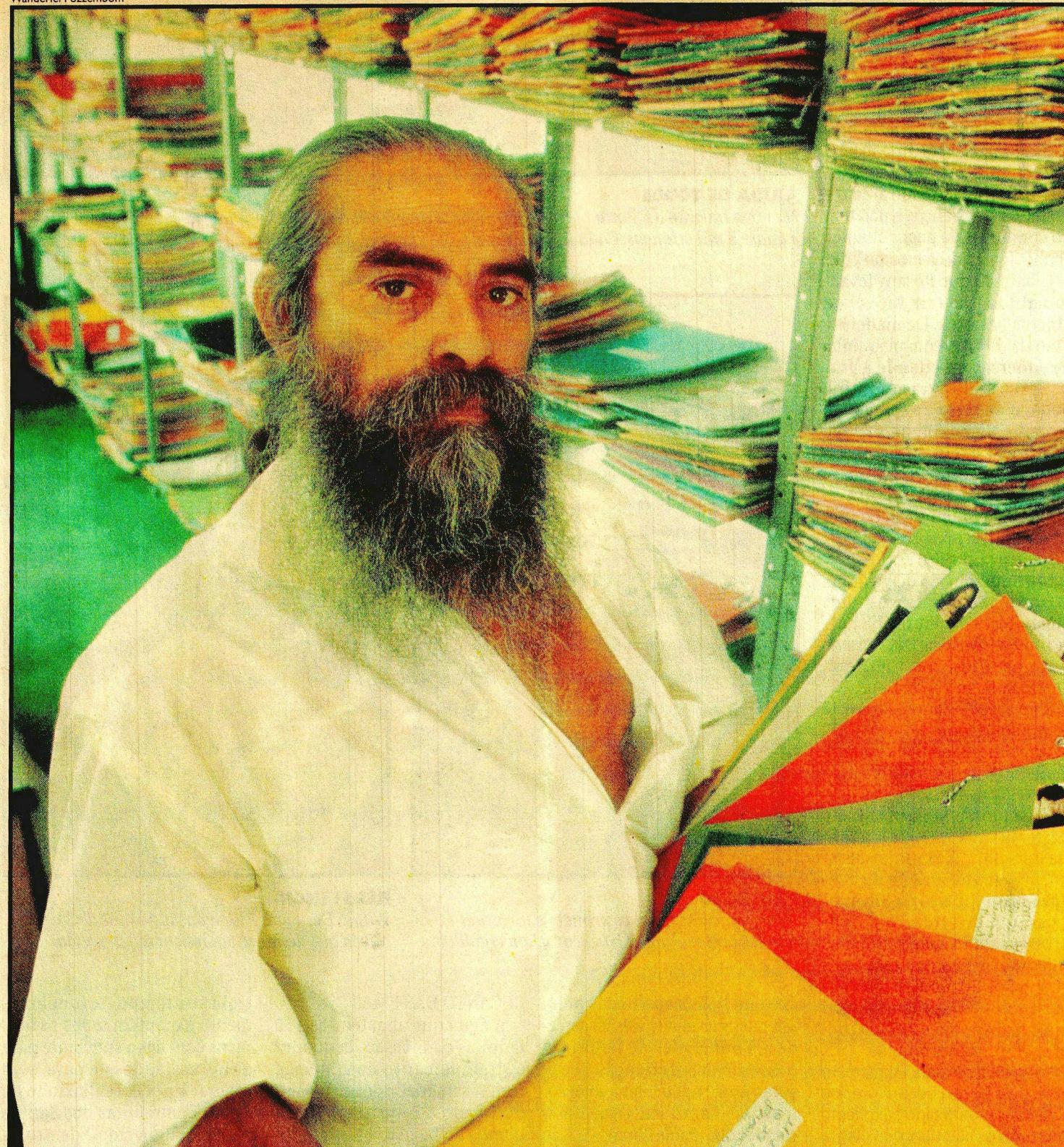


# O PROFETA DAS INVASÕES

Wanderlei Pozzembom



*Pedro Barbudo reuniu 2,2 mil pessoas no Paranoá e conseguiu dissolver o acampamento de 2 mil barracos. E promete muito mais*

**UM INCÔMODO**  
Até as crianças que corriam na poeira do lugar queriam alcançá-lo no palanque improvisado. Tentavam encostar na calça na mão daquele homem que a multidão endeusou. Mas na equipe do governo de Joaquim Roriz, Pedro Barbudo não é visto como um santo. Pelo contrário. O homem que votou no governador, que é filiado há 6 anos no PMDB e que foi preso nas últimas eleições por fazer boca de urna para Roriz está incomodando.

“Pedro Barbudo está fazendo politicagem. Gracinha para o

povo”, reclama o presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab), João Carlos de Medeiros. “Ele está querendo complicar uma coisa que o governo quer resolver, mas que não dá para fazer em 24 horas.” E o líder não está disposto a dar trégua aos assessores de habitação do governo Roriz.

No acampamento de 7 de Setembro, Pedro Barbudo admitiu ter confiança no governador, mas criticou o trabalho do presidente do Idhab e da secretaria de Habitação, Ivelise Longhi. Ontem ele voltou a reafirmar sua ira. “Estou muito decepcionado com o secretariado de Roriz. São muito fracos. Não resolveram nada até agora”, alfineta o

homem que é assessor parlamentar do deputado José Edmar (PMDB), na Câmara Legislativa.

Na verdade, o maranhense de São Luís, esperava que um dos dois assessores de Roriz aparecesse no acampamento. Os invasores chegaram a votar pela permanência no lugar, mas recuaram depois que Maravalho decidiu dar mais uma chance ao

governo. As barracas foram desfeitas e a invasão desapareceu tão rapidamente quanto surgiu. Mas o líder promete revanche. Hoje, às 9h, ele pretende reunir uma multidão de sem-teto na Praça Central do Paranoá.

“Pode surgir uma nova ocupação. Coragem nós temos. São 4 mil pessoas em potencial, prontas para invadir. Não está dando

mais para segurar o meu povo”, avisa Maravalho. “É um absurdo o que ele está fazendo. Está incitando e enganando as pessoas”, reclama a secretária Ivelise Longhi, que tenta junto ao Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) a liberação de uma área para a expansão do Paranoá.

## OUTRO ACAMPAMENTO

Para ganhar os lotes, os moradores estão dispostos a tudo. A andar 28 quilômetros até chegar à porta do Palácio do Buriti ou a montar outro acampamento. Só que desta vez com barracos de madeirites. “É só o PMDB pisar na bola comigo para surgir uma nova ocupação bem rapidinho. Só preciso do meu povo”, diz o caçula de oito irmãos, que chegou ao Distrito Federal quando tinha 11 anos.

Foi jardineiro, chofer até se virar por conta própria. Vendedor de colcha, panela e roupa de porta em porta até abrir uma lojinha que depois transformou em fruteria e em restaurante na antiga invasão do Paranoá. Hoje vive do salário de assessor na Câmara e do aluguel de uma loja, no térreo da prédio inacabado onde mora.

A peregrinação na sua casa não pára. São pessoas que levam documentos. Em um corredor fechado, com vistas para a rua do comércio, no segundo andar da sua casa, fica a sede do movimento. A papelada é organizada em pastas de elástico coloridas, empilhadas numa estante encostada na parede. Maravalho não se incomoda com o movimento. Levanta a mão e sorri simpático. Sempre demonstra estar bem disposto. Incansável.

Por ora, ele não cobra nada do povo pela filiação. “Deus me defenda, não sou político. Não quero ser candidato a nada. Mas

“voz precisa de alguém que o ouça”, diz o neto de uma índia patoxó, que só usa botina. O celular toca o tempo todo. Ele não faz segredo do número. São pessoas que querem saber da manifestação na Praça Central. A propaganda é feita de boca a boca. Em cada uma das 34 quadras do Paranoá, há um amigo do líder encarregado de juntar o povo.

■ Mais invasão nas páginas 2 e 3